

# MALORIE

JOSH MALERMAN

Tradução de Alexandre Raposo



*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 30 andar

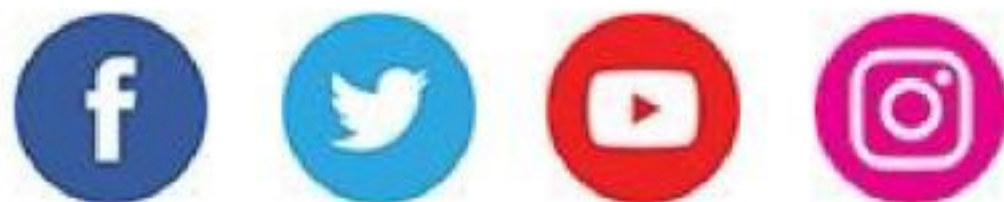
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

*Malorie* é para Kristin Nelson.



[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)

# SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Mídias sociais

A ESCOLA PARA CEGOS JANE TUCKER

DEZ ANOS DEPOIS

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

O TREM CEGO

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

## QUARTOS-FORTES

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Epílogo/Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça outros títulos do autor

Leia também

**A ESCOLA PARA CEGOS**  
**JANE TUCKER**



Malorie se encosta na parede de tijolos da sala de aula. A porta está trancada. Ela está sozinha. As luzes foram apagadas.

Ela está vendada.

Lá fora, no corredor, a violência começou.

Ela conhece aquele som, ouviu-o em pesadelos, nos ecos de uma casa devastada, repleta de pessoas sãs que despedaçavam umas às outras enquanto ela dava à luz seu filho.

Agora Tom está lá fora, em meio à violência.

Malorie não sabe onde.

Ela inspira. Prende a respiração. Expira.

Alcança a porta para destrancá-la, abri-la e achar o filho e a filha entre os gritos, a histeria, o frenesi. Algo estala do outro lado da porta. Parece alguém batendo a cabeça na parede do corredor.

Ela se afasta da maçaneta.

Quando viu Olympia pela última vez, a menina de seis anos estava lendo livros em braile na Biblioteca Tucker. Havia mais uma dúzia de pessoas ali, ouvindo a música clássica que tocava no toca-discos do escritório e era reproduzida pelos alto-falantes da escola.



Agora, Malorie ouve as vozes dessas pessoas.

Ela precisa saber se a violência chegou à biblioteca. Se chegou à sua filha. Nesse caso, ela vai procurar Tom primeiro.

Ela ouve.

Seus filhos a ensinaram muito sobre ouvir desde que chegaram à Escola para Cegos Jane Tucker. E por mais que Malorie nunca vá ouvir o mundo como eles, ela pode tentar.

Mas há muito barulho lá fora. Caos. É impossível distinguir uma voz da outra.

Ela pensa em Annette. A mulher cega, muito mais velha do que ela, cujo nome ouviu ser gritado momentos antes, enquanto Malorie, faminta, caminhava pelo corredor em direção ao refeitório. Antes que Malorie tivesse tempo de processar a natureza do grito, a própria Annette entrou no corredor, roupão azul, cabelo ruivo oscilando como sirenes giratórias, empunhando uma faca. Malorie teve tempo de perceber os olhos abertos e desfocados da mulher antes de fechar os seus.

*Ela é cega... como enlouqueceu?*, pensou Malorie. Então, ficou imóvel. Annette passou por ela, com a respiração pesada, movendo-se com rapidez. Ao ouvir os primeiros uivos guturais vindos de dentro da escola, Malorie caminhou às cegas para a sala de aula mais próxima e trancou a porta.

Ela volta a segurar a maçaneta.

A última vez que viu Tom, ele estava no que antes era a sala dos funcionários, com as peças de uma nova invenção apoiadas nos joelhos. Malorie é responsável por aquelas peças. Com apenas seis anos, Tom, o menino, inventa como outrora inventava seu homônimo, Tom, o homem. O instinto de Malorie costuma incentivar esse ímpeto. Ela sente que é isso que uma mãe deve fazer.

Ou, talvez, o que uma mãe *deveria fazer* no velho mundo. Agora, ali, ela sempre destrói o que Tom inventa e lembra que a venda é a única proteção da qual qualquer um deles vai precisar.

No entanto, Annette é cega.

E agora está louca.

Malorie ouve um palavrão repentino do outro lado da porta trancada. Duas pessoas estão brigando no corredor. Um homem e uma mulher. Pelos sons que estão fazendo, não é difícil imaginar o que está acontecendo. Agarrões, arranhões. Dedos nos olhos e no pescoço, o estalar de um osso e algo que soa como um pescoço sendo esmagado.

Com as próprias mãos?

Malorie não se move. Um corpo se choca contra a porta de madeira e desliza para o chão de azulejos. O vencedor da luta, ele ou ela, ofega ali fora.

Malorie escuta. Ela inspira, prende a respiração, expira. Sabe que não há como evitar o pânico. Ela quer ouvir mais adiante no corredor, além da respiração, os gritos das pessoas que moram ali, o que dizem exatamente, a localização precisa de seus filhos. Ela se lembra de ter dado à luz no sótão de uma casa, um lugar muito menor do que aquele. Ela se lembra de um grito vindo do andar de baixo: *Don arrancou os cobertores!*

Quem os arrancou agora?

No corredor, a respiração parou. Mas os sons distantes de punhos na madeira, punhos contra punhos e os últimos vestígios de sanidade estão ficando mais altos.

Malorie destranca a porta da sala de aula. Ela a abre.

Não há movimento no corredor. Ninguém avança em sua direção. Ninguém diz nada. Seja lá quem tenha ganhado a luta, agora já se foi.

Uivos ecoam no fundo do prédio. Prenúncios abafados da morte, últimas palavras e desejos. Socos, madeira estalando. Há gritos e frases sem sentido, portas se escancarando e se fechando. Crianças chorando. A música do escritório continua.

Malorie passa por cima do corpo na soleira da porta aberta. Ela entra no corredor, encostada à parede. Um alarme soa. A porta da frente da escola está aberta. A pulsação rítmica do alarme destoa tanto da música clássica que, em um segundo de confusão, Malorie acha que também enlouqueceu.

Seus filhos estão em algum lugar em meio àquele furor.

Trêmula, ela tenta fechar os olhos pela terceira vez, por trás de suas pálpebras já fechadas, por trás da venda atada com firmeza ao redor da cabeça, bloqueando a ideia de como tudo aquilo deve ser visualmente.

Ela desliza pela parede de tijolos. Não chama Tom ou Olympia, embora seja tudo o que queira fazer. Ela inspira, prende a respiração, expira. Os tijolos arranham seus ombros e braços nus e agarram o tecido da camiseta branca que está usando. O alarme fica mais alto enquanto ela se aproxima do fim daquele corredor, do mesmo lugar de onde Annette, a ruiva, veio correndo em sua direção com uma faca enorme empunhada. Pessoas gritam à sua frente. Alguém está perto. Botas pesadas e desajeitadas no chão, o grunhido de alguém desacostumado a fazer tanto esforço.

Malorie fica imóvel.

A pessoa passa por ela, respirando com dificuldade, murmurando para si mesma. Está louca? Malorie não sabe. Não tem como saber. Ela apenas desliza pela parede, sentindo-se ligeiramente grata pelos dois anos em que morou ali. Pela pausa na jornada. Mas essa gratidão é uma bolinha de gude que se perde em um mar de outras bolinhas,

para nunca mais ser encontrada. O horror que ela havia muito esperava chegou.

*Não se descuide.*

Seu mantra de três palavras agora não significa nada. A prova? Ela já se descuidou: não sabe onde os filhos estão.

Um estrondo metálico troveja pelo edifício; a música e o alarme ficam mais altos.

Malorie não tenta acalmar as crianças que ouve. Não estende os braços na escuridão para ampará-las. Ela apenas desliza, agora tão junto à parede que os tijolos arrancam-lhe sangue.

Há um movimento à frente, vindo em sua direção, passos rápidos e determinados. Ela prende a respiração. Mas a pessoa não passa.

— Malorie?

Alguém com os olhos abertos. Uma mulher. Quem?

— Deixe-me em paz — diz Malorie. — Por favor.

Ela ouve o eco da própria voz implorando, seis anos antes, no sótão em que deu à luz.

— Malorie, o que aconteceu?

Malorie acha que é uma mulher chamada Felice. Só o que importa é se a pessoa está louca ou não.

— Eles entraram? — pergunta a mulher.

— Eu não...

— *Estão todos loucos!* — diz a mulher.

Malorie não fala nada. Ela pode estar armada.

— Você não pode ir nessa direção — diz a mulher.

Malorie sente a mão de alguém em seu pulso nu. Ela puxa o braço e bate o cotovelo nos tijolos.

— O que há de *errado* com você? — pergunta a mulher. — Acha que *eu* estou louca?

Malorie se afasta, braços estendidos, preparada para ser ferida. Segue para o fim do corredor, onde sabe que há uma espécie de cristaleira ocupando toda a parede, algo que antes ostentava troféus, conquistas, provas de progresso em uma escola para cegos.

Ela bate na cristaleira antes do esperado.

Seu ombro bate primeiro, os cortes são rápidos e quentes, a dor é intensa. Ela grita, mas sua voz é abafada pelo caos crescente nos corredores.

Ela não para. E ainda não chama pelos filhos. Tateando a parede com os dedos sujos de sangue, se aproxima dos lamentos, dos gritos, do metal contra metal, dos punhos contra punhos.

Alguém roça seu ombro. Malorie se vira rapidamente e empurra, mas não toca nada.

Não há ninguém ali. Mas ela sente frio. Não quer ser tocada por ninguém.

Por nada.

Ela pensa em Annette, cega e ainda assim louca.

Sim, uma pessoa podia enlouquecer à moda antiga. Mas Malorie conhece o olhar específico da loucura causada pelas criaturas.

Annette não enlouqueceu simplesmente. E, se ela não enxergava... o que aconteceu?

— Mãe!

Malorie para. É Olympia? É o grito urgente, embora distante, da menina a quem ela não deu à luz, mas que mesmo assim criou como filha?

— Alguém desligue essa música — diz Malorie, precisando falar algo, precisando ouvir uma voz sã e familiar enquanto arrasta os dedos pelos tijolos, apalpando em seguida o quadro de avisos da comunidade

que nos últimos dois anos informou as pessoas sobre os eventos da escola.

Mais à frente, um grito. Atrás, madeira rachando. Alguém passa por ela. Outra pessoa passa em seguida.

Malorie não chora. Apenas se move, joelhos bambos, ombro dolorido pelo ferimento recente. Seus ouvidos se aguçam para o eco da voz que gritou *mãe*, um de seus filhos, talvez, subindo à superfície para tomar ar, antes de afundar novamente nas ondas furiosas mais à frente no corredor.

Ela diz a si mesma que deve se mover com propósito, mas lentamente. Precisa se manter alerta, de pé.

Um menino grita à sua frente. Uma criança. Parece ter enlouquecido.

Ela inspira, prende a respiração, expira. Caminha na direção do som ensurdecedor, os ruídos de uma comunidade inteira enlouquecendo ao mesmo tempo. Uma segunda criança, talvez. Uma terceira.

— Elas entraram — diz ela.

Mas não precisa dizer aquilo. E, dessa vez, sua voz não lhe traz nenhum conforto.

À sua direita, uma porta bate. À esquerda, algo sobre rodas se choca com os tijolos. Pessoas gritam palavrões. Malorie tenta não imaginar como devem ser aquelas cenas. As expressões dos homens e das mulheres com quem ela compartilha aquele edifício há dois anos. Os fragmentos nos tijolos. Os destroços. Os ferimentos e o sangue. Ela tenta negar até mesmo a lembrança de tal visão, como se o fato de imaginar o que está acontecendo naquele espaço pudesse levá-la à loucura.

Ela se recusa a imaginar uma criatura. Não vai se permitir uma coisa dessas.

Algo machuca seu ombro ruim. Malorie o cobre com a mão. Ela não quer ser tocada. Acha que Annette foi tocada. É preocupante, aterrorizante, que as criaturas tenham começado a... *tocar*.

Mas talvez tenha sido um pedaço de madeira. Outro tijolo. Um dedo decepado da mão de alguém.

Uma mulher uiva. Uma criança fala.

Fala?

— Mãe.

Uma mão sobre a sua.

Não leva mais de um segundo para ela reconhecer o toque de Olympia.

A loucura aumenta à sua frente.

— Por aqui — diz a menina.

Malorie não pergunta à filha por que estão caminhando em direção à violência em vez de se afastarem dali. Ela sabe que é porque Tom deve estar do outro lado daquela cena.

Mesmo tendo apenas seis anos, Olympia a guia.

Malorie chora. Não consegue evitar. Como se, em sua escuridão pessoal, ela fosse levada para dentro da casa no momento em que Don arrancou os cobertores. Como se ela nunca tivesse descido o rio até a Escola para Cegos Jane Tucker. Como se estivesse caindo, de costas, do piso do sótão até os eventos terríveis que ocorriam lá embaixo.

Tom, o homem, morreu naquele dia. O homônimo de seu filho. No entanto, Malorie não testemunhou sua morte. Ela fora removida, se é que esse é o termo correto, e estava mais segura no sótão do que as pessoas lá embaixo. Mas ali, agora, ela ouve a carnificina de perto, sem uma laje separando-a do que está acontecendo. Pessoas comuns se transformando; homens e mulheres, outrora normais, agora enlouquecidos, xingando, ferindo uns aos outros e a si mesmos.

Algo enorme cai. Vidro explode.

Se a filha falasse, Malorie não conseguiria ouvi-la. Elas estão no meio daquilo.

Olympia aperta sua mão um pouco mais forte.

Alguém se choca com Malorie, canela contra canela. Então, outra vez, tijolos tocam seu ombro ruim. Ela reconhece algumas vozes. Eles passaram dois anos ali. Conhecem as pessoas. Fizeram amigos.

Fizeram?

Enquanto Malorie adentra a loucura cada vez mais, ouve uma pergunta distante, feita pela própria voz, em sua própria mente, indagando se suas rígidas precauções de segurança eram justificáveis, o fato de costumar ser repreendida por usar venda em ambientes fechados. Ah, como as pessoas daquele lugar se ofendiam com suas medidas. Ah, como aquilo os fazia pensar que Malorie se considerava melhor do que os demais.

— Tom — chama Olympia.

Ou Malorie acha que a ouviu dizer isso. O mesmo nome do homem que ela mais admirou neste mundo, o otimista em um momento de desespero inimaginável. Sim, Tom, o menino, é muito parecido com Tom, o homem, embora o homem não fosse pai dele. Malorie não pode impedi-lo de querer inventar vendas mais fortes, de cobrir as janelas com camadas de madeira, de pintar janelas falsas na sala da casa que há dois anos consideram seu lar.

Mas ela pode impedi-lo de fazer aquilo.

Alguém atinge Malorie na lateral da cabeça. Ela se esquiva, tenta empurrar a pessoa para longe, mas Olympia a puxa ainda mais para o meio da insanidade.

— Olympia — diz ela.

Depois não diz mais nada. Não consegue falar.



Sente corpos pressionando o seu, escuta objetos quebrando logo acima e mais atrás, ouve xingamentos junto à sua orelha.

Se quiser, ela pode imaginar aquilo como uma comemoração, os gritos não mais de terror, mas de emoção. Os baques pesados sendo apenas pés sobre uma pista de dança. Sem angústia, apenas alegria.

Foi assim que Tom, o homem, escolheu ver este mundo? E se foi... será que ela conseguiria fazer o mesmo?

— Tom — diz Olympia.

Dessa vez, Malorie ouve com clareza e entende que elas estão do lado oposto da violência.

— Onde?

— Aqui.

Malorie estende a mão, sente o batente da porta de uma sala de aula aberta. Há cheiro de gente ali dentro.

— Tom? — chama ela.

— Mãe — diz Tom.

Ela pressente o sorriso em sua voz. Percebe que ele está orgulhoso.

Vai até ele, agacha-se e apalpa os olhos do filho. Estão cobertos com algo que parece papelão, e Malorie se lembra de Tom, o homem, usando um capacete feito com almofadas de sofá e fita adesiva.

O alívio que ela sente não é alterado pelo caos nos corredores. Seus filhos estão novamente com ela.

— Levantem-se — diz Malorie, a voz ainda trêmula. — Estamos indo embora.

Ela entra ainda mais no quarto, encontra as camas e pega três cobertores.

— Vamos descer o rio outra vez? — pergunta Tom.

Para além deles, a loucura não diminui. Botas ecoam pelos corredores. Vidros se quebram. Crianças gritam.

*image  
not  
available*

**DEZ ANOS DEPOIS**

*image  
not  
available*

Para ele, é mais fácil sorrir diante dessas coisas. Nas poucas vezes em que pessoas de fora passaram pelo acampamento, pela casa deles, Tom percebeu como Malorie é muito mais rigorosa do que a maioria. Ele inclusive ouviu isso da boca de outras pessoas. Ele viu isso muitas vezes na escola para cegos. Era constrangedor viver publicamente sob as imposições dela. As pessoas a olhavam como se ela fosse... qual foi mesmo a palavra que Olympia usou?

*Abusiva.*

Sim. Isso aí. Não importa se Olympia acha que Malorie é abusiva ou não. Tom acha que é.

Mas o que ele pode fazer? Pode deixar a venda em casa. Pode fazer anotações e sonhar em inventar formas de enfrentar as criaturas. Pode se recusar a usar mangas compridas e capuz nos dias mais quentes do ano. Como hoje.

Na porta dos fundos da cabana, ele ouve movimentos do outro lado. Não é Olympia, e sim Malorie. Isso significa que ele não pode simplesmente abrir a porta e colocar o balde de água lá dentro. Precisa vestir o capuz.

— Merda — diz Tom.

Tantos pequenos caprichos e peculiaridades de sua mãe o impedem de existir por conta própria, do modo como gostaria.

Ele coloca o balde na grama e tira do gancho do lado de fora o casaco com capuz. Enfia os braços nas mangas, mas não se dá o trabalho de vestir o capuz. Malorie só verifica um de seus braços.

Ele pega o balde de volta e bate cinco vezes à porta.

— Tom? — exclama Malorie.

Quem mais seria?

— Sim. Balde um.

Hoje ele vai pegar quatro baldes. A mesma quantidade de sempre.

*image  
not  
available*

— Então, o que eu faço é andar por aí, colecionando histórias — diz o homem. — Eu coleto informações. Sei um bocado sobre tentativas fracassadas de tentar olhar para as criaturas. Sei dos sucessos que as pessoas obtiveram com uma vida melhor. Vocês sabiam que agora há um trem funcionando?

Malorie não responde. Subitamente, Tom tem vontade de responder.

— Bem aqui, no Michigan... um trem! E vocês sabiam que agora existem mais criaturas do que antes? As estimativas dizem que triplicaram desde que chegaram. Vocês notaram mais atividade fora de casa?

Malorie não responde. Mas Tom quer muito responder. Está entusiasmado com o que aquele homem está dizendo. Por que não trocar informações? Por que não aprender? Em nome de uma vida melhor, por que não?

— Há boatos de que uma delas foi capturada — diz o homem. — Certamente as pessoas tentaram de tudo.

Agora Tom sabe por que Malorie não disse nada.

De acordo com os critérios dela, aquele homem não é seguro. A mera sugestão da captura de uma criatura deve tê-la deixado petrificada. Se é que ela já não era feita de pedra antes.

— Eu tenho listas — diz o sujeito. — Padrões. Muitas informações que podem ajudá-los. E as histórias de vocês, por sua vez, podem ajudar outras pessoas. Por favor. Vamos conversar?

Malorie não responde.

Mas Tom, sim.

— Você tem essa informação por escrito?

Malorie agarra o pulso dele.